

O ENSINO DE SEGUNDA LÍNGUA PARA CRIANÇAS

Susi Mari Pratts¹ (Universidade do Sul de Santa Catarina -UNISUL.)

ABSTRACT: The good education of foreign language for children must follow a supported didactic strategy in activities that explore the orality and the familiarization with the language. Soon, the correct way to teach one second language must be of form: NATURAL and FUNNY.

KEY WORDS: education, child, second language.

0.Introdução

Em função do súbito crescimento global, há grande necessidade de comunicação, existem muitas escolas, cursos, livros, fitas de vídeo, entre outros, nos oferecendo a aprendizagem de um segundo idioma de forma eficaz e rápida. Tentam nos mostrar a facilidade em aprender a nova língua não importando a idade, sem apontar o momento certo para iniciar esse aprendizado. Sendo assim, procuramos apresentar a partir desta pesquisa a idade ideal para iniciarmos o estudo de uma nova língua com o tema *O ensino de segunda língua para crianças* e o que alguns autores/pesquisadores dizem sobre esse tema.

Além disso, a língua estrangeira está cada vez mais presente em nosso dia-a-dia, seja no uso do computador, nos filmes, anúncios, placas de rua e até mesmo onde menos se espera encontramos palavras ou expressões de outros idiomas.

Temos muitos questionamentos sobre o ensino de uma segunda língua durante a educação infantil, entre eles podemos destacar os mais freqüentes: Qual a melhor idade para uma criança iniciar o aprendizado de uma segunda língua? O ensino de uma segunda língua auxilia no desenvolvimento do raciocínio?

Dentre esses fatores o órgão mais importante diretamente envolvido na habilidade lingüística do ser humano é o cérebro. Cada palavra pronunciada pela criança exige que o cérebro realize um complexo trabalho mental e é necessário que vários mecanismos dentro do cérebro trabalhem ao mesmo tempo, como por exemplo, para o simples fato de reconhecer as palavras que as crianças ouvem, os símbolos que vêem, é preciso ter dentro do cérebro um grande arquivo de palavras com os seus sons e respectivos significados.

No lado esquerdo do cérebro, fica a área de Wernicke, próxima ao ouvido, é responsável pela compreensão das palavras que usamos. É com ela que conseguimos entender o que ouvimos e escolher as palavras para comunicarmo-nos.

Na universidade de Washington, nos Estados Unidos, Dr. Ojemann, neurologista, descobriu que o cérebro arquiva as palavras que aprendemos em grupos separados.

A língua materna, que a gente aprende quando começa a falar, fica guardada numa região do lobo frontal, no lado esquerdo do cérebro. É a matriz da nossa linguagem.

Quando se aprende uma segunda língua, entra em ação o lado direito do cérebro. É criada uma espécie de “filial” da linguagem, para ajudar a memorizar esse novo dicionário de palavras estrangeiras.

“Na hora em que uma outra língua se torna quase igual à língua materna, muito provavelmente o aprendizado vai ficar totalmente no lado esquerdo do cérebro”. Afirma Lúcia de Mendonça, integrante do laboratório de neurolingüística da Universidade de São Paulo. (FANTÁSTICO, 2004)

¹ Professora do ensino fundamental e médio, formada em Letras pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC; pós-graduada em Escola Infantil e Séries Iniciais pela Universidade do Contestado - UnC e mestranda do Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL.

Os dois hemisférios cerebrais desempenham diferentes funções: o lado esquerdo é lógico e o direito criativo. No cérebro infantil, esses dois hemisférios são mais interligados do que no cérebro de um adulto, o que possivelmente facilita a aquisição da língua, se considerarmos que esta ocorre no lado direito a fim de sedimentar-se no lado esquerdo. Entretanto, o ser humano começa a perder este mecanismo no início da puberdade, quando se inicia o processo de lateralização cerebral.

Nos primeiros anos de vida, também existe uma maior acuidade auditiva, bem como uma maior flexibilidade muscular do aparelho articulatório das crianças para produzir sons, o que pode explicar sua capacidade de assimilar a pronúncia da segunda língua tão perfeitamente quanto um falante nativo. Portanto, segundo Schutz (2004), a melhor idade para iniciarmos o estudo de uma segunda língua é a idade pré-escolar, dos três aos seis anos, pois o ser humano assimila o conhecimento recebido nos primeiros anos com maior facilidade.

A língua é um processo típico do desenvolvimento humano e está presente em todos os grupos de pessoas e em todas as sociedades. A criança nasce com a capacidade aguçada de desenvolver a fala, por isso a língua vai sendo construída aos poucos com as pessoas a sua volta. Sendo assim, a criança vai desenvolvendo sua fala, imitando as pessoas de seu convívio, construindo sua linguagem por meio de diálogos e brincadeiras com as pessoas ao seu redor.

Em um mesmo ambiente, existem diferenças entre a fala de uma criança e outra, pois cada uma viveu em situações sociais particulares, portanto no ambiente escolar, isso também acontece. Estas em idade escolar já têm um bom domínio da fala, embora umas se destaquem mais do que as outras nas conversas entre elas, pois todas nascem com a mesma condição de desenvolver sua fala. Sendo assim, a história de cada criança, faz com que ela seja única, resultando no fato de que algumas crianças têm um diversificado vocabulário, enquanto outras encontram dificuldade para expressarem-se.

Ressaltamos que a família tem grande influência na formação da linguagem da criança, pois ela é o seu primeiro contato social. Segundo Papalia, “O modo dos pais falarem com as crianças lhes ensina as normas de sua cultura juntamente com as regras de sua língua”.(PAPALIA, 2000, p.147). Os bebês não compreendem o significado preciso das palavras utilizadas pelos adultos, mas conseguem comunicar seus desejos e emoções por meio de sons, gestos e expressões. Com o passar dos anos, sentem a necessidade de que a comunicação aconteça através de palavras, pelas quais sejam compreendidos seus pensamentos, sentimentos e vontades.

A linguagem sempre foi o principal meio de comunicação em nossas vidas. A língua é um instrumento do pensamento, sem dominar uma língua é impossível pensar da forma como pensamos. Sem palavras para organizar nosso pensamento não seríamos capazes de relacionarmos-nos com os outros, ou seja, sem o domínio da linguagem não poderíamos transmitir uma informação. Piaget, citado por Gessel (1989), entende que a linguagem interior e o pensamento nascem do complexo de inter-relações entre a criança e as pessoas que a rodeiam, assim estas inter-relações são também a origem dos processos volitivos da criança.

Ao perceber que para um determinado objeto há várias formas de se expressar (idiomas diferentes), a criança remeterá o pensamento (objeto dito) desenvolvendo a vontade de aprender esses idiomas. Chomsky (apud Gardner, 1995, p.62) quando “[...] alega que as crianças devem ter nascido com considerável ‘conhecimento inato’ sobre as regras e formas da linguagem.[...]”.

Sabendo que as crianças têm uma capacidade inata para desenvolver a linguagem e que ela é ativada e estimulada pela maturação, pelo desenvolvimento cognitivo e por certas experiências ambientais, a comunicação entre os educadores (adultos que convivem com a criança) e a criança é essencial para o desenvolvimento da linguagem. O vocabulário aumenta na troca, ou seja, aproveita-se a oportunidade que surge, durante as conversas, para repetir as palavras corretamente, sem chamar a atenção da criança.

O ensino da segunda língua deve obedecer também esse esquema de instigar sua curiosidade. Logo, a aprendizagem precisa ser o mais natural possível, já que, simplesmente, ouvir a língua estrangeira na televisão não é suficiente para que ocorra o aprendizado, precisa haver uma troca. Como ressalta Papalia (2000, p. 145), “[...] crianças holandesas que assistem televisão alemã todos os dias não aprendem alemão”.

Vygotsky (1993) defende que a fala egocêntrica assume um papel importante na vida da criança, mas também que a função primordial da fala é a comunicação, o contato social. Salientamos então que a aprendizagem da criança se inicia no momento em que ela nasce e podemos dizer que perdura por toda sua vida adulta na relação com as pessoas no mundo social. Portanto, o processo de imitação permite que a criança penetre no mundo social e compreenda as atividades humanas.

1.O desenvolvimento infantil dos três aos seis anos

De acordo com Helen Bee (1986), o aprendizado da linguagem na criança surge naturalmente no primeiro ano de vida. Percebemos que a criança vai construindo a sua linguagem na interação com as pessoas de seu convívio social. Com aproximadamente um ano de idade, a maioria das crianças começa a falar suas primeiras palavras, palavras estas que fazem parte do seu cotidiano. Aos poucos, as crianças vão ampliando o seu vocabulário e por volta dos dois anos a maioria delas apresenta um vocabulário de mais ou menos 50 palavras. As crianças de três a cinco anos, freqüentemente, cometem erros de concordância na formulação de frases ao falar, como nos exemplos, “Eu *ser* amiguinho”, “Eu *vai* com você.” A partir dos cinco e seis anos, as crianças começam a perceber esses “erros” no convívio com as outras pessoas. Nesta interação, as crianças vão ampliando seu vocabulário, podendo chegar aos seis anos de idade a um aprendizado de 10 a 13 mil palavras diversificadas.

É na primeira infância que ocorre a explosão da linguagem. [...] O desenvolvimento da linguagem não termina no jardim de infância ou no primeiro ano de escolaridade regular. Mas, as realizações realmente gigantescas no desenvolvimento da linguagem ocorrem entre um e cinco anos de idade, quando a criança evolui de palavras isoladas para perguntas complexas, negativas e imperativas. (BEE, 1986, p.157).

O desenvolvimento da linguagem é um processo longo, o qual evolui durante a vida escolar das crianças, de acordo com o ritmo e as diferenças individuais, mas é na infância que o ritmo de assimilação da linguagem é bem mais rápido. Por isso, acreditamos ser este o melhor período para que a aprendizagem de uma segunda língua aconteça.

Levar em conta as características gerais do desenvolvimento infantil é outro ponto chave para obtenção do sucesso no ensino de uma segunda língua.

As crianças na educação infantil com idades entre três e seis anos precisam utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, escrita e oral) ajustadas a diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreenderem e serem compreendidas. Precisam expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos para avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva.

Segundo Antunes (2001), podemos citar o projeto 12 dias/12 minutos, voltado ao desenvolvimento infantil, que estimula o aprender a aprender. Neste projeto as crianças aprendem a beleza e a carícia, o olfato e o tato, a liberdade da fantasia e o fascínio das cores.

O ensino de uma segunda língua nesse período é bastante importante para as crianças também conhecerem outras culturas, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a nova língua.

2. Inteligências múltiplas como fator de contribuição para o aprendizado de segunda língua antes da alfabetização

Gardner (1995) desenvolveu a teoria sobre a mente, a qual ele chamou de “Inteligências Múltiplas”, construída a partir da comparação entre testes de QI (Quociente Intelectual), e o desempenho que focaliza o homem e sua relação com diversos sistemas simbólicos, como a escrita e as imagens.

Ao estudar o cérebro, seu funcionamento e suas transformações Gardner (1994) chegou à visão pluralista da mente, concebendo, assim, uma visão diferente sobre as competências intelectuais humanas. Ele descobre o ser humano holístico (aquele que integra corpo/mente/alma), que até então era considerado restrito, e percebe que este ser teria potencial para desenvolver as múltiplas inteligências.

Após muito estudo em cima de sua concepção, juntamente com outros psicólogos, Guilford (1997, p. 34) chegou a conclusão que “[...] criatividade não é o mesmo que inteligência, mas estas estão correlacionadas, associadas”.

Fazemos esta analogia entre a inteligência e criatividade porque foram por estes caminhos que Howard Gardner (1995) trilhou para estudar e desafiar a tese da inteligência única e propor a existência das inteligências múltiplas, nas quais são focadas oito inteligências.

Cada ser humano possui uma maneira particular de aprender, alguns tem maior facilidade em lidar com números, outros falam vários idiomas, brilham nas artes, ou seja, possuímos todos os tipos de inteligências, mas nos destacamos apenas em uma.

Gardner (1996) focalizou seus estudos primeiramente no desenvolvimento infantil, embora sugira que seja aplicado para todas as idades.

A proposta apresentada, neste trabalho, refere-se à concepção de aprendizagem das Inteligências Múltiplas, considerando que cada ser não é dotado das mesmas competências, conseqüentemente, nem todos aprendem da mesma forma.

Segundo Gardner (1996), cada inteligência pode ser vista em termos de uma seqüência de estágios:

1º estágio – habilidade de padrão cru – o aparecimento da competência simbólica é visto pelos bebês, quando eles começam a perceber o mundo ao seu redor.

2º estágio – simbolizações básicas: (3 aos 5 anos) demonstra habilidade, através da compreensão dos símbolos, músicas, sons, através de desenhos.

3º estágio – sistema de segunda ordem: aprimora os sistemas simbólicos que demonstra ter maior eficácia no desempenho de atividades valorizadas pelo grupo social.

4º estágio – ocupações vocacionais: adolescência e idade adulta, o indivíduo adota um campo específico e focaliza, e se realiza em papéis que são significativos em sua cultura.

Por meio dos estudos das Inteligências Múltiplas podemos dizer que o ensino da segunda língua para crianças (três a seis anos) deve ser trabalhado de forma que o educador desperte nestas o interesse, a fim de que elas sejam coerentes com os desafios que a vida impõe, utilizando técnicas diversas estimuladoras das diversas inteligências, da atenção e da aprendizagem significativa.

De acordo com Gardner (1994), as pessoas envolvidas com o desenvolvimento de projetos educacionais, em algum momento, vão deparar-se com a necessidade de “dar conta” destas indagações e, como maneira de sobrevivência, traçarão seu caminho em busca do “aprender sobre o aprender”.

Segundo Celso Antunes (2004) “[...] quando a aprendizagem da segunda língua se processa após a alfabetização, tudo torna-se muito mais difícil [...] toda a morfologia do lado esquerdo do cérebro já se moldou [...]” por isso é importante estimular o cérebro da criança antes dos seis anos pois esta desenvolverá a linguagem mais facilmente e aprenderá a segunda língua, na maioria das vezes, sem dificuldades.

A teoria das Inteligências Múltiplas apresenta suporte teórico necessário para que se redimensione o “fazer pedagógico” na sua relação com o ensino da segunda língua para crianças.

De acordo com Gardner (1998), sempre envolvemos mais de uma habilidade na solução de problemas, embora existam predominâncias. Portanto, as inteligências se integram. Nessas relações complementares entre as inteligências é que está a possibilidade de explorar uma em favor da outra. É o uso da rota secundária, para se alcançar à “rota” principal da inteligência. Por exemplo, se uma criança tem dificuldade para memorizar uma nova língua, mas é musical, podemos usar a música como rota secundária, para ajudá-la na memorização. Ainda de acordo com este autor, todos nascem com o potencial das várias inteligências, exceto casos de lesões neurológicas. A partir das relações com o ambiente, incluindo os estímulos culturais, o homem irá desenvolver mais algumas e deixar de aprimorar outras. Isso é que dá, a cada pessoa, um perfil particular de inteligência.

3. Escola como ambiente de aprendizagem

Como já vimos, a primeira infância é a melhor época para se aprender uma segunda língua, sendo assim, consideramos de fundamental importância que a escola proporcione um ambiente em que as crianças exerçam sua liberdade ao aprender a segunda língua de maneira significativa e prazerosa. Porque fica muito mais fácil para as crianças se expressarem de forma espontânea em um ambiente que lhes proporcione oportunidades para praticarem o que aprenderam.

Se a escola pretende formar um cidadão que deixe de ser objeto, para transformar-se agente histórico, precisa considerar as necessidades deste ser como um todo. Ou seja, deixar de privilegiar somente a inteligência verbal/lingüística e a lógico-matemática, a fim de atingir todas as outras capacidades do ser humano.

A escola é um ambiente para novas descobertas e deve ser um ambiente facilitador sem deixar de ser recreativo, pois é muito mais divertido aprender brincando. Lugar onde as crianças brincam, utilizando a segunda língua naturalmente e colocando em prática o que aprenderam com situações vivenciadas no dia a dia.

Conforme Vygotsky (1996), o brinquedo exerce um papel de fundamental importância na formação dos conceitos cotidianos, pois desenvolve na criança a capacidade de operar com o objeto e, conseqüentemente, construir a sua significação. A escola, como ambiente de aprendizagem, utiliza o jogo na sala de aula como instrumento de ensino-aprendizagem que possibilita a criança à facilidade em dominar a segunda língua. Em jogos conhecidos, como memória, jogo da velha, entre outros que podem ser jogados em silêncio, em situações de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira o uso desta torna-se a regra do jogo. Desta forma, o jogo,

como instrumento mediador no processo de ensino-aprendizagem de uma segunda língua, a interação com a outra criança ou com o educador, tem um papel fundamental na construção do conhecimento desta nova língua.

As crianças de três a seis anos utilizam o brincar como “ponte” para satisfazer seus desejos no processo de aprendizagem de uma segunda língua. Vygotsky (1993), considera que nesta fase, a criança procura satisfazer seus desejos imediatamente. Chamamos atenção para o fato de que o comportamento de uma criança pequena é determinado quase sempre pelas condições em que a atividade ocorre, pois, nesta idade, é o objeto que determina a ação da criança, vinculado ao estímulo do meio. Enquanto a nova língua vai tornando-se parte do cotidiano da criança, seu conhecimento aumenta, possibilitando, assim, a compreensão do mundo, o brincar, portanto, torna-se essencial nesse processo.

É na escola que as crianças devem sentir-se incentivadas a construir seu aprendizado, por meio de situações desafiadoras e estimulantes, a fim de que elas pensem na segunda língua como algo novo a ser aprendido com entusiasmo, desenvolvendo a fluência de maneira natural.

Portanto, a escola deve ser um ambiente de aprendizagem e os educadores devem ser agentes deste ensino. Como já vimos, o aprendizado da criança tem início desde o seu primeiro dia de vida no convívio com aqueles que a cercam. Visto que antes de ter contato com a escola, a criança já possui uma riquíssima bagagem formada por conceitos que adquiriu por meio de sua interação com os outros, portanto “[...] toda situação de aprendizagem com a qual a criança se defronta na escola tem uma história prévia”, (VYGOTSKY, 1992, p.110).

É nesta interação que a criança aprende a falar, a agir e adquire os primeiros conceitos por meio da observação e conseqüentemente da imitação. Isto sugere que a aprendizagem e o desenvolvimento estão relacionados desde cedo na vida da criança. Neste caso, a imitação não é vista como um fenômeno mecânico, pois a criança, segundo Vygotsky (1996, p.114), “[...] só consegue imitar aquilo que está no seu nível de desenvolvimento”.

Na escola, a imitação exerce um papel essencial na aprendizagem, porque, à medida que a criança consegue realizar atividades, que estão além do seu nível de desenvolvimento, imitando os colegas e/ou o educador, estes começam a ter contato com conceitos científicos, com a metalinguagem, fazendo com que a aprendizagem deixe de ser espontânea e passa a ser sistematizada.

4.O papel do educador na aprendizagem de uma segunda língua

De modo geral, o processo de aprendizagem das crianças inicia-se na família, sendo os pais os primeiros educadores. Este processo é pouco a pouco ampliado e as crianças começam a participar de outros contextos, como a escola - por exemplo, e a interagir com diferentes pessoas, as quais passam a influenciar, também, em sua aprendizagem.

O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VYGOTSKY, 1984, p. 101).

No momento em que as crianças ingressam na escola, cabe aos educadores aproveitarem as aprendizagens anteriores das crianças e depois partir para a aprendizagem da nova língua, utilizando assim todo o conhecimento adquirido anteriormente fora da sala de aula.

Segundo Vygotsky (1996), o desenvolvimento e a aprendizagem são processos que se influenciam reciprocamente, porque a criança vai adquirindo visão do mundo, através da interação com o outro e com o meio sócio-cultural e, neste caso, também o educador, além da família, e das demais influências (TV, músicas...) deve ser o agente mediador do conhecimento.

Portanto, no ensino de uma segunda língua, o educador deve estar sempre atento ao processo de aprendizagem de cada criança, intervindo e questionando, ou seja, interagindo sempre. Desta forma, a criança assimila melhor a informação sobre a outra língua.

O educador deve transformar a sala de aula, torná-la um lugar mágico para as crianças, lugar onde possam viajar com a imaginação. Há várias maneiras de deixar a sala de aula mais atraente e propícia para o ensino de uma segunda língua. Por exemplo: nomear o mobiliário e objetos da sala, espalhar cartazes, figuras, bandeiras entre outras coisas que lembram a cultura a ser estudada e ter uma parte na estante com revistas de

língua estrangeira e tudo o que sua criatividade mandar. O professor deve instigar o desejo e a curiosidade em aprender uma segunda língua nas crianças de sua turma, isto é, ir além das paredes da sala de aula e levá-las a passeios, visitas, encontros, laboratórios, promovendo oportunidades para as mesmas praticarem a língua estudada, pois as aulas diferenciadas despertam a curiosidade. Apresentar informações sobre os hábitos, costumes dos países nos quais esta língua é falada ajuda à criança a entender o novo idioma e o grupo a que este pertence.

O educador de uma língua estrangeira deve estar atento à motivação de seus alunos muito mais que os outros educadores, pois depende da sua atuação para tornar as aulas interessantes e agradáveis para as crianças, despertando assim à vontade de eles aprenderem. Acreditamos que qualquer conhecimento construído com base no desejo de aprender fica gravado para sempre na memória e quando mais tarde precisarmos, este conhecimento se manifesta.

A língua estrangeira trabalhada na escola infantil tem um valor enorme, pois é nesta fase que as crianças apresentam maior facilidade de aprender uma outra língua. As crianças ao desenvolverem a fala expressam-se de forma espontânea ao mesmo tempo em que ampliam seu vocabulário. É importante, no aprendizado de uma língua estrangeira, que as palavras e estruturas ensinadas sejam repetidamente ouvidas e faladas para que sejam bem assimiladas.

O ensino de segunda língua na educação infantil, para crianças de três a seis anos, é positivo, mas deve resumir-se a oralidade, para que não atrapalhe a alfabetização na língua materna. Portanto, há uma série de cuidados que merecem a atenção dos educadores, entre eles o fato de que as crianças que estão na educação infantil precisam ser alfabetizadas na língua materna antes de aprenderem a ler e a escrever em um outro idioma. O bom ensino de uma língua estrangeira nesta fase, portanto, segue uma estratégia didática apoiada em atividades que exploram a oralidade e a familiarização com o idioma. Não mais do que isso.

Somente as crianças conseguem assimilar a segunda língua sem sotaque por isso é tão importante ao educador possuir a qualificação necessária para tal ensino.

O educador ao ensinar a segunda língua, além do domínio da mesma, precisa possuir habilidade no plano afetivo para desenvolver a auto-estima das crianças. Outro fator importante, é que as crianças têm um ouvido musical; ou seja: antes de compreender o significado das frases, elas captam sua musicalidade. Por isso, quando se aprende uma língua estrangeira na infância, a pronúncia é perfeita.

Cabe ao educador o papel de familiarizar as crianças da escola infantil de três a seis anos com a língua que não é aquela as que estão habituadas. O ensino de uma segunda língua precisa ser dinâmico e alegre, devendo-se introduzir a língua estrangeira de uma forma mais comunicativa com o apoio de recursos gráficos e gestuais, os quais motivarão a aprendizagem.

As crianças, ao contrário dos adultos, não têm medo de errar e é isso que facilita o aprendizado. Aos poucos, as crianças assimilam os elementos da nova língua já que o vocabulário apresentado é aquele que elas já estão seguras na língua materna.

5. Considerações finais

Como podemos perceber, são inúmeras as vantagens de começar cedo o aprendizado de uma nova língua, pois o ser humano assimila o conhecimento recebido nos primeiros anos com maior facilidade. Ou seja, nos cinco primeiros anos de vida os neurônios responsáveis pela habilidade de aprender um segundo idioma estão em formação, garantindo assim a assimilação da segunda língua de forma natural e perfeita.

Atingir ao objetivo proposto foi um desafio com certeza prazeroso, pois acreditamos que a educação é co-responsável no processo de formação do sujeito histórico que se faz através das relações humanas; e na incorporação de habilidades e competências que o faça viver melhor com seus semelhantes, numa sociedade altamente competitiva e complexa onde as ações fazem parte do novo paradigma social.

Pretendemos em um futuro próximo, retomar a pesquisa, fazendo uma investigação longitudinal a fim de co-relacionar duas escolas/realidades diferentes, ou seja: uma das escolas será particular de educação infantil que ensina uma segunda língua desde o jardim para crianças a partir de 4/5 anos; e a escola pública que ensina a segunda língua depois da quinta série, ensino fundamental, para crianças a partir de 10/11 anos. A razão dessa correlação é em virtude de ser as séries apontadas como o início do ensino da segunda língua em cada uma das realidades apresentadas.

RESUMO

O bom ensino de língua estrangeira para crianças deve seguir uma estratégia didática apoiada em atividades que exploram a oralidade e a familiarização com o idioma. Logo, a maneira correta de ensinar uma segunda língua deve ser de forma: NATURAL e DIVERTIDA.

PALAVRAS-CHAVE: ensino; criança; segunda língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACREDOLO, L.; GOODWYN, S. *Sinais: A linguagem do bebe*. Tradução: Cássia Maria Nasser. São Paulo: M. Books do Brasil Ltda, 2003.
- ANTUNES, C. *A memória*. Fascículo Nove. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- _____. *A criança e a segunda língua: Significação e memorização*. Crônica de 25.11.2004
- _____. *As inteligências múltiplas e seus estímulos*. São Paulo: Papirus, 1998.
- _____. *Como identificar em você e em seus alunos as Inteligências Múltiplas*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *O que é o projeto 12 dias/ 12 minutos?* Petrópolis: Vozes, 2001a.
- AUROUX, S. *A filosofia da linguagem*. São Paulo: UNICAMPI, 1998.
- BEE, H. *A criança em desenvolvimento*. Tradução: Rosane Antenor pereira. 3.ed. São Paulo: Harbra, 1986.
- EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emília na primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FANTASTICO. *Palavra de cérebro*. Disponível em: <<http://www.globo.com/fantástico>>. Acesso em: 29 fevereiro 2004.
- GARDNER, H. *Estruturas da mente: A teoria das Inteligências múltiplas*. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- _____. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- _____. *Inteligências: múltiplas perspectivas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GESSEL, A. *A criança dos 0 aos 5 anos*. Tradução: Cardigo dos Reis. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- PAPALIA, D. E. *Desenvolvimento humano*. Tradução de Daniel Bueno. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SCHÛTZ, R. *A idade e o aprendizado de línguas. English Made in Brazil* <<http://.sk.com.br/sk-apre2.html>>. Online. Acesso em: 11 de fevereiro de 2004.
- VYGOTSKY, L.S; LURIA, A.R; LEONTIEV, A.N. *Aprendizagem e desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar*. São Paulo: Ícone. 1992.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- WAJSKOP, G. *Brincar na pré-escola*. 3. ed. São Paulo, Cortez 1999.